

BENTINHO, HERÓI TRÁGICO?

Regina Pamplona Fiúza

“A tragédia não é senão um meio de recolher a infelicidade humana, de situa-la logicamente, logo de justifica-la sob a forma de uma necessidade, de uma sabedoria ou de uma purificação.”

Roland Barthes

Dom Casmurro, de Machado de Assis, é a história de duas pessoas que se amam e se unem para uma dolorosa desilusão. É uma história igual a várias outras, no que diz respeito ao enredo. É um amor entre duas crianças que brincam no quintal, sem saber o que o futuro lhes reserva.

Cada ser humano constitui para o outro uma surpresa, uma interrogação. “As aparências enganam, foi a primeira banalidade que aprendi na vida”, escreve Machado de Assis e com uma perícia de Mestre “pinta” o retrato de Capitú: “Alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo”. Era esta a Capitú, “de olhos de ressaca e de cigana oblíqua e dissimulada”, cem por cento feminina e astuciosa.

Bentinho era o inverso de Capitú. Ingênuo, crédulo, cheirando ainda a seminário, “não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos”.

Entre as personagens femininas machadianas, Capitú é aquela que traduz melhor a astúcia e a dissimulação da mulher que trai o marido sem “nenhum laivo amarelo, sem nenhuma contração de acanhamento, com um riso espontâneo e claro...”, isto porque Machado delineia o perfil de Capitú através do ciumento Bentinho, portanto,

dentro dos moldes de uma mulher adúltera. A dissimulação precoce de Capitú, ludibriando a todos, cresce com ela até o desabrochar do adultério. “Com facilidade enganara a mãe, marido seria questão de tempo...”

No entanto, se existem criaturas que já nascem predestinadas, como parece ser o caso de Capitú, onde está sua quota de responsabilidade? E para haver responsabilidade é necessário liberdade, pois assumimos a responsabilidade daquilo que fazemos quando somos livres. Liberdade é portanto escolha, escolha é opção e cada opção brota livre de dentro de nós mesmos, porém é grande a influência que a própria sociedade exerce sobre o nosso psiquismo. Poderíamos fazer uma análise do nosso comportamento, tomando como ponto de partida a sociedade, veríamos até onde um ato humano pode ser considerado totalmente “livre”, e o que não se pode negar é que o nosso modo de pensar seja, de certa forma, fruto da sociedade em que vivemos, pois a nossa trajetória passa por nascimento, crescimento, desenvolvimento, aperfeiçoamento ou degradação, e tudo isso acontece dentro de uma sociedade. Como “animal histórico” só somos compreendidos se inseridos em um contexto. A ação pessoal de cada indivíduo está condicionada por um passado que lhe foi imposto e um futuro que ele mesmo deve criar.

A vida conjugal de Bentinho e Capitú é igual a todas as outras: lua de mel, filho, depois o cotidiano. Entretanto Ezequiel, o filho, é demasiadamente parecido com Escobar, o amigo. A semelhança acentua-se dia a dia e aí reside a tensão trágica da obra, e que será a ação dramática, em torno da qual se desenrola todo o enredo. O narrador deixa claro, que Capitú ao ser delatada, tenta negar e jamais perde o auto-controle. Diante da evidência do fato, a conseqüência é a separação do casal.

Que responsabilidade podemos, portanto, atribuir a Capitú? Para Machado, Capitú representa a mulher mediana, inclusive no possível adultério, sem características passionais, pois o seu amor por Escobar só é percebido quando ela não consegue disfarçar a emoção diante do seu cadáver. Machado parece condena-la responsabilizando-a pela desgraça de Bentinho: “a saber que a minha primeira amiga e meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntado-se e enganando-me...”

Bentinho e Capitú já foram tema de inúmeros trabalhos, uns acusando Capitú e defendendo Bentinho, outros fazendo exatamente o contrário. E a dúvida persiste, pois somente as “verdades duvidosas” necessitam de defesa. Segundo o sábio filósofo chinês Laotzu, mestre da Teoria da Lei do Esforço Reverso, aqueles que se justificam não convencem.

Dentre os que aceitam como certa a traição de Capitú, está Gustavo Corção, que em seu ensaio *Machado de Assis* diz: “*A loucura e a infidelidade serão seus temas favoritos, e no enredo de Dom Casmurro é Capitú, com seus olhos de ressaca, quem tem a incumbência de representar, encarnada, a fragilidade geral da vida e do mundo, e é quem representa a pior espécie de malogro, aquele que consegue destruir o que parecia definitivo, adjudicado: o passado, a eternidade da infância. A falha de Capitú, no romance de Machado é “falha mais radical, uma traição à infância, uma negação da poesia da vida”, como diz Barreto Filho.*”

Umberto Eco, em “Seis Passeios pelos Bosques da Ficção” nos fala que “*qualquer narrativa de ficção... ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo. Alude a ele e pede ao leitor que preencha toda uma série de lacunas.*” Machado é um exemplo disto, está sempre dialogando com o leitor como se estivesse pedindo a sua aprovação, a sua confirmação. Sobre este autor – narrador que instiga o leitor, Gustavo Corção enfatiza que: “*Machado de Assis foi e sempre será um autor que se torna presente na narração, que intervém, que se faz personagem entre os personagens... Machado se intromete, faz obras de perspectiva pessoal e faz bem, porque a história que assim nos conta fica enriquecida com o inigualável timbre do narrador.*”

Para Aristóteles, a tragédia é a imitação de uma ação importante e complexa, num estilo de certa forma agradável, suscitando a compaixão e o terror e tendo por efeito a purgação dessas emoções. A tragédia, para ele, é a imitação não de homens, mas de ações, da vida, da felicidade ou da infelicidade. E ele enfatiza que os caracteres permitem qualificar o homem, mas que é de sua ação que depende sua felicidade ou infelicidade. Nas grandes obras universais encontramos vários exemplos dessa afirmação de Aristóteles. É através de sua ação que Édipo se aniquila; Othelo também destruiu sua felicidade por causa do seu ciúme; Bentinho é responsável, também por ciúme, pela sua própria infelicidade.

A tragédia de Bentinho se elabora na ambigüidade de sua própria essência, na contradição de suas palavras. O processo de ciúme nele é uma expressão do seu estado neurótico. O inseguro, o ciumento se relaciona sempre com uma mulher do tipo sedutora, exuberante, atraente, para justificar suas preocupações. Ele passa então a criar histórias muito detalhadas com um raciocínio tão lógico que pode provar para os outros que tudo o que ele conta é precisamente a verdade. Bentinho é pois, um homem infeliz, sofrendo sozinho a sua dúvida.

Em seu livro *A Tragédia Grega*, Albin Lesky diz que, para Aristóteles, a tragédia é a história de alguém que estava em ventura e caiu no infortúnio. E para que exemplo mais perfeito do que a mítica tragédia do Paraíso? Adão e Eva viviam em estado de perfeita ventura, Deus lhes deu tudo mas proibiu que provassem o fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Eles desobedeceram e por conta dessa transgressão, caíram no infortúnio.

Para Alain Robbe – Grillet em seu ensaio *Natureza, Humanismo, Tragédia*, no livro “Sociologia da Arte”, a tragédia é uma tentativa de recuperação da distância que existe entre o homem e as coisas, e onde há uma distância, uma separação, um desnível, há a possibilidade de senti-los como sofrimento e a vitória do herói trágico consiste em ser vencido, como acontece com Bentinho. Segundo Monnerot, no livro “Les Lois du Tragique” os estudiosos atuais defendem a importância da ação, como o fez Aristóteles. Para eles, na tragédia há sempre uma escolha e não há felicidade inocente. Schiller diz que o homem é ator e autor da ação trágica e é ele, homem, que constitui a verdadeira fonte do trágico. Para ele o trágico não é uma interpretação do mundo, mas a estrutura fundamental do nosso ser no mundo. Portanto, o trágico está em agir de determinada maneira e não em ser de determinada maneira.

Monnerot diz também que a tragédia trata da relação entre uma transgressão e uma reparação. Esta reparação é um retorno à ordem. A transgressão é uma violação às forças superiores que regem o mundo e é ela que determina os males na tragédia grega. Atualmente, nos parece que a tragédia é determinada pela transgressão, do homem, pelo próprio homem. O trágico existe no momento em que ele entra em conflito com o mundo ou consigo próprio.

Várias características do herói trágico, tanto do clássico quanto do moderno, podem ser enquadradas nas ações do personagem Bentinho.

Começemos por reconhecer que o personagem é dominado por uma paixão intensa. Para Staiger a patética compreende as paixões, no sentido mais geral da palavra, e o homem é movido por paixões. Bentinho é um exemplo disso, pois nele há sempre uma profunda emoção motivando suas ações, tornando-o feliz ou infeliz.

O grande pensador espanhol Miguel de Unamuno em seu livro “Del sentimiento trágico de la vida”, diz que: *“Es el amor, lo más trágico que en el mundo y en la vida hay; es el amor hijo del engaño y padre del desengaño; es el amor el consuelo en el desconsuelo, es la única medicina contra la muerte, siendo como es de ella hermana... El amor busca con furia a través del amado algo que está allende este, y como no lo halla, se desespera.”*

Desde cedo nosso herói é dominado pelas emoções. É tomado por uma grande surpresa ao ouvir o agregado José Dias insinuar que ele andava de namoro com Capitú. Essa surpresa é logo transformada numa profunda satisfação. Capítulo X, página 33: *“... a denúncia de José Dias, meu caro leitor, foi dada principalmente a mim. A mim é que ele me denunciou.”* E no capítulo XII, página 37: *“Parei na varanda; ia tonto, atordoado, as pernas bambas, o coração parecendo querer sair-me pela boca fora. Não me atrevia a descer a chácara, e passar ao quintal vizinho. Comecei a andar de um lado para o outro estacando para amparar-me, e andava outra vez e estacava. Vozes confusas repetiam o discurso de José Dias:*

“Sempre juntos...”

“Em segredinhos...”

“Se eles pegam de namoro”.

E logo adiante Bentinho diz: *“...a sensação de gozo novo, que me envolvia em mim mesmo, e logo me dispersava, e me trazia arrepios, e me derramava não sei que bálsamo interior. Às vezes dava por mim, sorrindo, um ar de riso de satisfação...”*

Emil Staiger em seu livro “Conceitos Fundamentais da Poética”, diz que há no trágico a explosão do mundo, de um homem, de um povo, ou de uma classe e que o trágico surpreende o herói dramático

inesperadamente. Portanto nem toda desgraça é trágica, apenas aquela que rouba ao homem seu pouso, sua meta final, de modo que ele passa a cambalear e fica fora de si.”

Do mesmo modo, são de grande intensidade as emoções que o dominam desde as primeiras desconfiças em relação a Capitú, que têm início com as insinuações de José Dias. Capítulo LXII, página 205: “–*Tem andado alegre como sempre; é uma tontinha. Aquilo, enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela...*” Bentinho reage assim: “*Estou que empalideci; pelo menos senti correr um frio pelo corpo todo... A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento que ainda agora cuido ouvi-lo.*”

As emoções que tomam contam de Bentinho ao desconfiar que Capitú o traía com Escobar, são mais profundas ainda. Sua paixão atinge então o mais alto grau de intensidade. Aliás todas as suas emoções e os seus sofrimentos são fortes e refletem profundamente na sua sensibilidade.

Bentinho vive uma vida de tensão. Na infância, perseguido pela idéia de ir para o seminário, sempre na esperança de que sua mãe mude de idéia. No seminário vive em função da sua saída para casar-se com Capitú. No capítulo LXI, página 200 ele diz:

“Mas Sr. José Dias, e a minha saída daqui?”

- Isso é negócio meu. A viagem à Europa é o que preciso, mas pode fazer-se daqui a um ou dois anos, em 1859 ou 1860...

- Tão tarde !”

E mais adiante Bentinho fala:

“–Não quero saber dos santos óleos da teologia, desejo sair daqui o mais cedo que puder ou já...”

No capítulo LXII, página 205, depois de haver perguntado por Capitú, emocionado diz: “*Equivalia a confessar que o motivo principal ou único da minha repulsa ao seminário era Capitú.*”

Quando consegue realizar seus sonhos, isto é, casar-se com a mulher que amava, surge o problema do filho que não vem. No capítulo CVIII, página 333, Bentinho diz: “*Pois nem tudo isso me matava a sede de um filho, um triste menino que fosse, amarelo e magro, mas um filho, um filho próprio da minha pessoa.*”

Depois de alguns anos nasce então o filho tão desejado, e com ele vem a felicidade total, e para confirmar isso, no capítulo CVIII, página 334, temos o depoimento de Bentinho: “*A minha alegria quando ele nasceu, não sei dizê-la; nunca a tive igual, nem creio possa haver idêntica, ou que de longe ou de perto se pareça com ela. Foi uma vertigem e uma loucura.*”

No entanto, com o passar dos anos Ezequiel começa a se parecer com Escobar. As dúvidas de Bentinho começam então, mas só vão se declarar após a morte de Escobar, quando se desenrola toda a sua tragédia.

A partir daí, a ação de Bentinho tem uma evolução destruidora, levando-o a um final irremediável, a um aniquilamento, a uma inevitável destruição. Podemos comprovar isso analisando suas atitudes depois da morte do amigo.

Segundo Staiger, o herói patético esforça-se por uma decisão, decide-se e vai então à ação. Bentinho tenta decidir-se, procura uma solução e várias idéias destruidoras passam pela sua cabeça. Vejamos o capítulo CXXXII, página 392: “*Quando nem mãe, nem filho estavam comigo o meu desespero era grande, e eu jurava mata-los a ambos, ora de golpe, ora devagar, para dividir pelo tempo da morte todos os minutos da vida embarçada e agoniada.*” No capítulo CXXXIV, página 397, Bentinho pensa no suicídio: “*Sei que escrevi algumas cartas, comprei uma substância, que não digo, para não despertar o desejo de prova-la. A farmácia faliu, é verdade, o dono fez-se banqueiro, e o banco prospera. Quando me achei com a morte no bolso senti tamanha alegria como se acabasse de tirar a sorte grande.*”

Depois quase mata Ezequiel com o café envenenado que havia preparado para si. É o que conta o capítulo CXXXVII, página 405: “*Se eu não olhasse para Ezequiel, é provável que não estivesse aqui escrevendo este livro, porque o meu primeiro ímpeto foi correr ao café e bebe-lo. Cheguei a pegar na xícara, mas o pequeno beijava-me a mão, como de costume, e a vista dele, como o gesto, deu-me outro impulso que me custa dizer aqui, mas vá lá, diga-se tudo. Chamem-me embora assassino; não serei eu que os desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café.*” O que se segue a isso é a separação de Bentinho e Capitú. Ele a leva para a Europa com o filho, encerrando assim o seu casamento.

O ciúme de Bentinho fez com que ele destruísse tudo, o seu casamento, a sua vida e a de Capitú.

Nosso herói é impulsionado por um *leit-motiv* que o faz agir até o fim, mesmo forçando, às vezes, sua natureza, como no capítulo CXL, página 413: “– *Confeei a Deus todas as minhas amarguras disse –me Capitú a voltar da igreja; ouvi dentro de mim que a nossa separação é indispensável, e eston às sua ordens. Os olhos com que me disse isto eram embaçados, como espreitando um gesto de recusa ou de espera. Contava com a minha debilidade ou com a própria incerteza em que eu podia estar da paternidade do outro, mas falou tudo. Acaso haveria em mim um homem novo, um que aparecia agora, desde que impressões novas e fortes o descobriam? Nesse caso era um homem apenas encoberto. Respondi-lhe que ia pensar, e que faríamos o que eu pensasse. Em verdade vos digo que tudo estava pensado e feito.*”

Bentinho estava obstinado quando resolve separar-se de Capitú e não desiste nem mesmo quando antes ela lhe fala de uma nova vida, no capítulo CXXX, página 387: “*Viveríamos sossegados e esquecidos, depois tornaríamos à tona da água. A ternura com que me disse isto era de comover as pedras. Pois nem assim. Respondi-me secamente que não era preciso vender nada.*”

Capitú lhe escreve da Europa tentando restaurar pelo menos a amizade entre eles, mas Bentinho permanece inflexível. Capítulo CXLI, página 415: “*Ao cabo de alguns meses, Capitú começara a escrever-me cartas, a que respondi com brevidade e sequidão. As dela eram submissas, sem ódio, acaso afetuosas e para o fim saudosas, pedia-me que a fosse ver. Embarquei um ano depois, mas não a procurei, e repeti a viagem com o mesmo resultado.*”

Bentinho, como todo herói trágico, vive situações conflitivas com os outros e principalmente consigo mesmo. Como comprovação disso temos o drama que o afligiu no enterro de Escobar após convencer-se da culpabilidade de Capitú. Capítulo CXXIV, página 375:

“*Palavra que, quando cheguei à porta vi, o sol claro, tudo gente e carros, as cabeças descobertas, tive um daqueles meus impulsos que nunca chegavam à execução: foi atirar à rua caixão, defunto e tudo... No cemitério tive de repetir a cerimônia da casa, desatar as correias e ajudar a levar o fêretro à cova. O que isto me custou, imagina. Descido o cadáver à cova, trouxeram a cal e a pá; sabes disto, terás ido a mais de um enterro, mas o que não sabes nem pode saber nenhum dos teus amigos, leitor, ou qualquer outro estranho, é a crise que me tomou quando vi todos os olhos em mim, os pés quietos, as orelhas atentas...*”

E mais adiante, no mesmo capítulo: “*Não era só a emoção nova que me fazia assim, era o próprio texto, as memórias do amigo, as saudades confessa-*

das, os louvores à pessoa e aos seus méritos, tudo isto que eu era obrigado a dizer e dizia mal. Ao mesmo tempo, temendo que me adivinhassem a verdade, forcejava por escondê-la bem.”

Depois da morte de Escobar, Bentinho se deixa dominar totalmente por seu conflito interior e passa a viver em função disso. Pensa em suicidar-se e até em matar Ezequiel, como já foi visto, mas é impedido pela chegada de Capitú. É neste momento que ele vive sua maior crise. Vejamos o capítulo CXXXVIII, na página 408: *“Grande foi a estupefação de Capitú e não menor a indignação que lhe sucedeu, tão naturais ambas que fariam duvidar as primeiras testemunhas de vista do nosso fôro. Já ouvi que as há para vários casos, questão de preço; eu não creio... Mas haja ou não testemunhas alugadas, a minha era verdadeira; a própria natureza jurava por si, e eu não queria duvidar dela. Assim que, sem entender a linguagem de Capitú, aos seus gestos, à dor que a retorcia, a cousa nenhuma, repeti as palavras ditas duas vezes com tal resolução que a fizeram afrouxar”*.

O sofrimento de Bentinho é consciente, como deve ser o de todo herói trágico, pois segundo Lesky, o sujeito da ação trágica, aquele que está envolvido num conflito insolúvel, deve sofrer tudo conscientemente, e nosso herói tem consciência de todas as suas aflições, meditando sempre sobre elas. Depois da morte de Escobar, Bentinho tenta organizar as idéias, um pouco confusas em sua mente, mas consciência da realidade ele já tem, embora seja a sua maneira de ver a realidade. No capítulo CXXVI, página 379, Bentinho diz: *“Fui andando e cismando. Tinha já comparado o gesto de Sancha na véspera e o desespero daquele dia, eram inconciliáveis. A viúva era realmente amantíssima. Assim se desvaneceu de toda a ilusão da minha vaidade. Não seria o mesmo caso de Capitú? Cuidei de recompor-lhe os olhos, a posição em que a vi, o ajuntamento de pessoas que devia naturalmente impor-lhe a dissimulação, se houvesse algo que dissimular. O que aqui vai por ordem lógica e dedutiva, tinha sido antes uma barafunda de idéias e sensações, graças aos solavancos do carro e as interrupções de José Dias. Agora porém, raciocinava e evocava claro e bem. Concluí de mim para mim que era a antiga paixão que me ofuscava ainda e me fazia desvairar sempre.”*

Mais adiante, no capítulo CXXXII, página 393, o personagem narrador diz: *“Assim, posto sempre fosse homem de terra, conto aquela parte da minha vida, como um marujo contaria o seu naufrágio.”* E também no capítulo CXXXII, página 395, ele nos dá conta do seu sofrimento: *“Eu, a falar*

verdade, sentia agora uma aversão que mal podia disfarçar, tanto a ela como aos outros. Não podendo encobrir inteiramente esta disposição moral, cuidava de me não fazer contradicho com ele, ou só o menos que pudesse, ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía domingo para ir passear pela cidade e arrebaldes, o meu mal secreto.”

Para Monnerot, o herói trágico não é um homem eminentemente virtuoso e justo, não é também eminentemente mau ou perverso. Ele se situa no meio, e entra em tragédia por causa de uma falta e nesse ponto ele é igual à maioria dos homens.

Northrop Frye, em seu livro *Anatomia da Crítica*, situa o herói trágico em algum lugar entre o divino e o demasiado humano, no topo da roda da fortuna, a meio caminho entre a sociedade humana e algo maior, no céu. Diz também que o ato que desencadeia o processo trágico é uma violação da lei moral e a grande maioria dos heróis possui *hybris*, ou seja, um ânimo apaixonado, obsessivo e arrojado, que os leva a uma queda, a uma catástrofe.

O ser humano é por natureza sujeito à falta, e o herói trágico é caracterizado pelo erro, pela *hamartia* que o leva impreterivelmente à destruição. A *hamartia* em cada herói trágico é diferente. A de Bentinho é no julgamento. Seus ciúmes exagerados fizeram com que ele julgasse sua esposa uma adúltera e daí decorre todo o seu sofrimento, a sua tragédia.

A versão dos fatos, nos é dada pelo próprio Bentinho, somente ele é o dono da verdade, e essa verdade é a de um indivíduo que se considera vítima de uma traição.

De fato, ele é uma vítima, mas de si próprio, da sua neurose, que é uma característica trágica na personalidade do nosso herói. Segundo Eugênio Gomes, a realidade que Bentinho descreve é a da sua própria imaginação pois um marido introspectivo e ciumento é capaz de todas as distorções da realidade.

O erro de Bentinho está, portanto, no julgamento das pessoas e dos fatos. Sua narrativa é muitas vezes ambígua e isso prova sua falta de convicção no julgamento.

Em vários trechos podemos constatar a dúvida, a incerteza, a contradição de Bentinho.

No capítulo CXXXVIII na página 407, ele diz: “*Desta vez, ao dar com ela não sei se era dos meus olhos, mas Capitu pareceu-me lívida*”. No mesmo

capítulo na página 408: “*a própria natureza jurava por si, e eu não queria duvidar dela.*” E mais adiante no capítulo CXXXIX, página 411: “*Palavra que estive a pique de crer que era vítima de uma grande ilusão, uma phantasmagoria de alucinado...*”

O personagem narrador deixa transparecer a sua dúvida através da preocupação com a exatidão. Se ele tivesse certeza absoluta dos fatos, convicção da sua verdade, não haveria necessidade dessa preocupação. Em resumo, ele quer convencer a si próprio. Ao escrever o livro contando a sua estória ele talvez quisesse provar novamente a ele mesmo, que foi vítima de traição. Mas não consegue provar nada, pois sua palavra é a própria contradição.

No capítulo L, página 163, ele confessa a sua preocupação com a verdade dos fatos: “*Há nisto alguma exageração, mas é bom ser enfático uma vez ou outra para compensar este escrúpulo de exatidão que me aflige.*”

A palavra de Bentinho é ambígua na sua própria essência e os seus sentimentos são totalmente ambivalentes. Amava apaixonadamente Capitu, mas por causa do ciúme que lhe havia sido instigado por José Dias, Bentinho tem vontade de mata-la. Capítulo LXXV, página 244: “*...eu continuava surdo, a sós comigo e o meu desprezo. A vontade que me dava era cravar-lhe as unhas no pescoço, enterra-las bem, até ver-lhe sair a vida com o sangue...*”

Depois do enterro de Escobar, Bentinho, com raiva, rasga o discurso que havia feito elogiando o amigo, e apesar da revolta que sente contra o morto, arrepende-se do gesto. Capítulo CXXVIII, página 384: “*No dia seguinte, arrependi-me de haver rasgado o discurso, não que quisesse da-lo a imprimir, mas era a lembrança do finado... Inventariei as lembranças de Escobar, livros, um tinteiro de bronze, uma bengala de marfim, um pássaro, o álbum de Capitu, duas paisagens do Paraná e outras. Também ele as possuía de minha mão. Vivemos assim de trocar memórias e regalos, ora em dia de anos, ora sem razão particular. Tudo isso me empanava os olhos...*”

Seus sentimentos em relação a Ezequiel oscilam constantemente. No capítulo CXLV, página 427, quando Ezequiel vai se despedir do pai, temos um exemplo dessa oscilação. “*Comigo disse que uma das conseqüências dos amores furtivos do pai era pagar eu as arqueologias do filho; antes lhe pegasse a lepra... Quando essa idéia me atravessou o cérebro, senti-me tão cruel e perverso que peguei no rapaz, e quis aperta-lo ao coração, mas recuei, encarei-o*

depois, como se faz a um filho de verdade; os olhos que ele me deitou foram ternos e agradecidos.”

Encontramos também em Bentinho outro elemento do trágico moderno: a dificuldade de falar. Ele era um tímido e se tornava difícil a sua comunicação com os outros. As emoções sempre lhe bloqueavam a fala e até os atos.

Vejamos alguns exemplos:

No capítulo II, página 9: *“Em verdade, pouco apareço e menos falo.”*; no capítulo XXV, página 83: *“Durante algum tempo não pude dizer o resto, que era pouco, e vinha de cor.”* E no mesmo capítulo, página 84: *“Todo esse discurso não me saiu assim, de vez, enfiado, naturalmente, peremptório, como pode parecer do texto, mas aos pedaços, mastigado, em voz um pouco surda e tímida.”* O capítulo XXXIV, na página 114, temos outro exemplo: *“Como eu quisesse falar também para disfarçar o meu estado, chamei algumas palavras cá de dentro, e elas acudiram de pronto, mas de atropelo, e encheram-me a boca sem poder sair nenhuma. O beijo de Capitu fechava-me os lábios. Uma exclamação, um simples artigo, por mais que investissem com força, não logravam romper de dentro. E todas as palavras recolheram-se ao coração, murmurando: “Eis aqui um que não fará grande carreira no mundo, por menos que as emoções o dominem...”* E também no capítulo XXXVI, nas páginas 122 e 123: *“Eu, do lado oposto da mesa, não sabia que fizesse; e outra vez me fugiram as palavras.”*

Bentinho, como os outros heróis trágicos, se revolta com o seu destino mas acaba se conformando e assumindo as conseqüências dos seus atos. Temos uma amostra dessa conformação com o destino no capítulo CXLV, página 426: *“Não havendo remédio senão ficar com ele, fiz-me pai deveras.”*

Eugênio Gomes, nos lembra em seu livro “O Enigma de Capitu”, que o capítulo que conta a morte de Escobar tem como título *A Catástrofe* e para ele, essa palavra significa uma mudança brusca, pertencendo à terminologia dramática, com a significação de mudança de fortuna, peripécia ou desenlace de composição teatral. E na realidade, a morte de Escobar é uma autêntica mudança trágica, uma peripécia, como na tragédia grega.

Para Albin Lesky, Teofrasto, o mais importante dos discípulos de Aristóteles, ao descrever a tragédia emprega o conceito de *metábole*

de seu mestre: a catástrofe do destino do herói. E Machado dá ênfase a esta catástrofe, não só no título do capítulo, mas principalmente porque nele é decidido o destino do herói. E Lesky afirma que “*nem os espectadores serão purificados das paixões cuja desmedida as personagens trágicas expiam com a própria destruição.*”

Outro elemento da tragédia clássica encontrado no personagem de Machado de Assis é a Anagnorisis ou reconhecimento, quando o protagonista reconhece a verdade de uma situação, ou descobre alguma coisa importante sobre outro personagem ou sobre si mesmo. A anagnorisis de Bentinho está, na reação de Capitu à morte de Escobar.

O próprio Machado de Assis estabelece uma relação entre sua obra e a tragédia “Otelo”, de Shakespeare, chegando até a dedicar três capítulos à grande obra. São eles: “*Uma ponta de Iago*”, “*Uma reforma dramática*” e “*Otelo*”, respectivamente capítulos LXII, LXXII e CXXXV.

Os ciúmes de Bentinho têm um ponto em comum com os de Otelo: ambos são instigados por pessoas em quem têm muita confiança e que são motivadas por outros interesses. Só há uma pequena diferença, a ação de Iago é muito mais interesseira. José Dias, não via com bons olhos o casamento de Bentinho com Capitu, apenas por que essa era filha do Pádua, a quem dedicava uma raiva gratuita e talvez porque aquela moça “de olhos de cigana oblíqua e dissimulada” fosse de certa forma um impedimento para a ida de Bentinho para a Europa, coisa que o interessava muito pela perspectiva de acompanhá-lo.

E Bentinho enfatiza essa semelhança com a tragédia “Otelo” no capítulo com o mesmo nome:

“Jantei fora. De noite fui ao teatro. Representava-se justamente Otelo, que eu não vira nem lera nunca; sabia apenas o assunto, e estimei a coincidência. Vi grandes raivas do Mouro, por causa de um lenço — um simples lenço! — e aqui dou matéria à meditação dos psicólogos deste e de outros continentes, pois não pude juntar à observação de que um lenço bastou a acender os ciúmes de Otelo e compor a mais sublime tragédia deste mundo. Os lenços perderam-se, hoje são preciosos os próprios lenços; alguma vez nem lençóis há e valem só as camisas. Tais eram as dúvidas que me iam passando pela cabeça, vagas e turvas, à medida que o mouro rolava convulso, e Iago desfilava sua calúnia... O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu, devia morrer. Ouvei as súplicas de Desdêmona, as palavras amorosas e puras, e a fúria do mouro, e a morte que este lhe deu entre aplausos frenéticos do público.”

No capítulo C, página 312, temos outra referência a uma tragédia, dessa vez “Macbeth”, também de Shakespeare:

“Esta, por exemplo, muita vez ouvi clara e distinta. Há de ser prima das feiticeiras da Escócia: ‘Tu serás rei, Macbeth!’ - ‘Tu serás feliz, Bentinho!’ Ao cabo, é a mesma predição, pela mesma toada universal e eterna.” Segundo Eugênio Gomes, em D. Casmurro, o pseudo-autor é tomado de dois sentimentos ao escrever o livro. Um é o ressentimento para com a vida, por ela ter lhe frustrado os desejos e as esperanças. E o outro seria uma espécie de reparação. Ele quer reconstituir na velhice a sua adolescência, e ao escrever o livro ele tenta portanto, como diz Eugênio Gomes, “passar a limpo a existência e fica esmagado pela irreversibilidade do tempo. Nisto consistiu sua tragédia.”

E ele próprio diz: “Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: ‘Aí vindes outra vez, inquietas sombras...?’”

De certa forma, Bento Santiago tem consciência de seu erro e da sua culpa, pois o fato de escrever o livro contando a sua vida é uma maneira de assumir essa culpa, que nos é demonstrada através da sua contradição, da sua insegurança, da sua oscilação entre o Bem e o Mal.

Machado nos sugere isto até no nome Bento – abençoado Santiago – junção de santo com Iago, o homem mau de “Otelo”.

Machado usou Bentinho para deixar no ar esta dúvida que vem há anos instigando inúmeras interpretações de seus leitores. Talvez ele tenha tentado resolver o enigma, mas não consegue, porque o enigma é ele próprio. Mas de uma coisa, tenho certeza: Machado é o grande artífice, o grande estrategista, o grande escritor da Literatura Brasileira e “Dom Casmurro” é sua obra-prima!

“Voilà mes gestes, voilà mon essence!”